

EXODUS 1947



Na próxima terça-feira, 10, Israel lembrará que há 60 anos, no porto de Séte da cidade francesa de Marselha, 4.515 judeus embarcaram no navio Exodus 1947 para uma histórica viagem para Eretz Israel. Nos próximos meses eles iriam protagonizar uma das mais heróicas páginas da história da humanidade. O líder do Mossad Yossi Harel assim se reportou ao evento: "O Estado de Israel não foi criado em 1948, quando foi formalmente declarado no Museu de Tel Aviv. Nasceu mais cedo, em 18 de julho de 1947, quando um antigo navio americano, o "Exodus 1947", arrastou-se para dentro do porto de Haifa". Em homenagem àqueles dias difíceis que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial, INFORMISSÕES traz o emocionante testemunho de uma judia que, sobrevivendo ao Holocausto, foi alcançada pelo Evangelho da Graça do Senhor Jesus Cristo.

A SOBREVIVENTE

ROSE PRICE

Sou uma sobrevivente do Holocausto. Minha família vivia na Polônia e era calorosa e muito unida. Meus parentes moravam todos bem próximos uns dos outros e fomos criados de forma ortodoxa. O Shabat era celebrado por nós como um dia festivo. A hora da refeição era uma hora da família. Nas sextas-feiras à noite servíamos-nos de peixe. Papai vinha da sinagoga e recitava o Kadish, a bênção sobre o vinho, e a chalá, e então abençoava os filhos. Sábado pela manhã íamos à sinagoga. Depois dos serviços religiosos passávamos na padaria para pegar o cholent. Sentávamo-nos todos em volta da mesa de vovó e saboreávamos a nossa refeição do Shabat.



Quando Hitler assumiu o poder, tudo mudou. Os alemães invadiram a Polônia (setembro de 1939) e as crianças judias foram proibidas de ir à escola. Havia um guarda que se postava

nas proximidades, e o nosso professor nos disse: – Não venham mais porque vocês são judeus. Eu tinha a idade de dez anos e meio. Fiquei totalmente arrasada.

O passo seguinte foi nos deslocar de nossa casa para um gueto. Minha irmã, dois anos mais velha, e eu, fomos as primeiras capturadas. Estávamos a caminho de uma visita a nossa avó quando os alemães nos agarraram e nos puseram para trabalhar numa fábrica de munições. Foi um horror, porque tínhamos deixado um lar tão caloroso para ir a um ambiente totalmente frio. De um lar cheio de amor, onde nos abraçávamos e nos beijávamos com muito carinho, estávamos agora num lugar em que havia um homem constantemente nos açoitando com um chicote. Naquele mesmo verão eu havia estado no campo em busca de frutas silvestres e agora eu me achava confinada numa prisão naquele mesmo campo.

O que aconteceu é indescritível. Pela manhã acordavam-nos quando ainda estava escuro. Tínhamos que ir para fora, qualquer que fosse a condição do tempo, em grupos de cinco para que fossemos contados. Trabalhávamos o dia inteiro na fábrica. Antes da invasão, minhas maiores responsabilidades eram ir à escola, estudar, voltar para casa, ajudar minha mãe com os serviços da casa, ajudar na jardinagem, e cuidar um pouco da minha irmã menor. Agora me diziam que eu tinha que aprender a operar máquinas, ou morreria.

Chorei por um certo tempo, até que um dia não consegui mais chorar, porque não tinha mais lágrimas. Isso aconteceu depois de que a cidade foi evacuada, quando senti que nunca mais veria meus pais nem minha família. Aquele foi o último dia em que chorei por 25 anos.

A princípio ainda orava. Levantava-me de manhã e recitava o Modeh Ani. Durante o dia repetia o Shemá e orava a Deus. Um dia orei para que Deus me enviasse minha mãe, porque estava com fome e com muita saudade. Eu precisava do abraço da minha mãe, em vez dos açoites. Queria tomar um banho, porque estava toda suja, e não tínhamos sabonete. Orei, mas nada aconteceu. Por não ter obtido respostas às minhas orações, concluí que Deus não existia.

Fui transferida de um campo de concentração para um outro, até ser enviada a Bergen-Belsen e depois para Dachau. É difícil para mim acreditar que vivi em tal horror. Em Bergen-Belsen éramos torturadas, postas no campo e forçadas a desenterrar beterrabas de um solo congelado, com nossas mãos nuas. Lembro-me de minhas sangrando muito.

Um dia desenterrava beterrabas e tinha fome. Eu estava totalmente acabada porque já estava assim há vários anos. Decidi naquele dia pegar uma beterraba e comê-la. O meu estômago não iria doer naquela noite. Na prisão tudo o que recebíamos era uma fatia fina de pão – que era 80% feito de serragem – e um copo de café. Era todo o nosso alimento para 24 horas. Obviamente isso mal dava para manter a vida, quanto mais para sustentar alguém trabalhando numa temperatura extremamente fria.

Um guarda me apanhou e levei uma punição tal que até hoje, quando falo sobre ela, ainda sinto aquele açoite de nove pontas em minhas costas, no meu rosto e por volta de todo o meu corpo. E ainda fiquei pendurada pelas mãos – tudo por ter pegado uma beterraba.

O frio matou muitos de nós, porque não nos vestíamos adequadamente. Tínhamos que ficar alinhadas durante várias horas, não importando o frio que fazia e a profundidade que a neve havia alcançado, e isso seminuas e sem sapatos. Certa vez, quando estávamos alinhadas, ficamos totalmente despidas para uma experiência, para ver quanto tempo levaria para o nosso sangue congelar. Até hoje, quando estou num dia gelado, e meus dedos do pé e da mão ficam duros de frio, lembro-me daquele dia em que o meu corpo começou a congelar. A única razão por que sobrevivi àquela experiência foi porque muitas outras caíram sobre mim e seus corpos me mantiveram aquecida. Eu tinha me decidido sobreviver no mesmo dia em que disse que Deus não existia. Quando sobrevivi, dei a mim mesma

todo o crédito por esse feito. Mais tarde me dei conta de que tinha sido pelo Senhor.

Um dia, quando ainda estava num acampamento na minha cidade, estava atravessando o campo com alguém e sorri. Pela ofensa do sorriso, os alemães me puseram num tanque de esgoto por 24 horas. Eu tinha que ficar na ponta dos pés para não me afogar. Naquela época eu não tinha mais do que 12 anos de idade.

Um outro tempo difícil foi quando minha irmã, que estava no mesmo acampamento, pegou febre tifóide. Ela era a última pessoa viva da minha família e eu não podia pensar em sobreviver se a perdesse também. Os guardas vinham de vez em quando para verificar se havia alguém doente. As doentes eram levadas para fora e deixadas para congelar. Deitei-me sobre minha irmã para protegê-la, e quando eles pediram para levantar as mãos para mostrar que estavam com saúde, eu levantei as minhas como se fossem dela. Eu não conhecia o Senhor naquele tempo. Eu pensava que, se Deus existisse, eu estava sofrendo naquele campo de concentração porque Ele é quem me havia posto lá. Mais tarde descobri que isso era uma mentira. Ele estava me ajudando.

Quando fui liberta em maio de 1945, eu estava cheia de ódio pelo que tinha passado. Eu odiava os alemães. A falta de perdão literalmente envenenava o meu corpo, e fez com que eu tivesse que fazer 27 operações. Eu procurava alguém que se dispusesse a lançar uma bomba na Alemanha e na Polônia. Eu tinha perdido toda a minha família, exceto minha irmã e uma tia – cerca de uma centena de parentes.

Liberta, fui para os EUA, casei-me e tive filhos. Mesmo odiando a Deus, tornei-me ativa numa sinagoga. Meus filhos tinham que aprender sobre o judaísmo, mas eu não podia ensinar-lhes, porque estava morta em meu interior. Socialmente, eu era a melhor pessoa judia. Se então alguém me tivesse perguntado: “Você acredita em Deus?”, eu teria respondido: “Não”. Ainda hoje muitos rabinos não acreditam na Bíblia e muitos poucos crêem em Deus. Eu, porém, acreditava que devia manter a minha identidade judaica e a minha tradição.

Um dia minha filha adolescente veio para mim e me disse a pior coisa que eu poderia ouvir: – Mamãe, acredito em Jesus Cristo; ele é o Messias judaico. Por pouco tive um ataque cardíaco. Eu lhe disse o que Jesus fizera à sua família e por que ela não tinha muitas tias e primos. Os guardas nazistas me tinham dito por várias vezes que Jesus Cristo me odiava e que Ele tinha me posto no campo de concentração para matar-me porque eu O tinha matado. Quando eu tinha sete ou oito anos, fui ferida em minha cabeça com um crucifixo por um sacerdote católico pelo “crime” de andar na calçada em frente à sua igreja. Assim, o fato de minha filha crer em Jesus Cristo era como a morte para mim.

Expulsei minha filha de casa. Quando meu marido foi à casa em que ela tinha ido morar ele converteu-se também. Aquela casa era usada como um ponto para alcançar judeus para Cristo. Minha filha mais jovem ainda estava freqüentando uma escola hebraica, mas de algum modo eu sabia que ela tinha secretamente se tornado uma crente messiânica, e a castiguei por isso.

Depois de meu marido ter aceitado o Senhor, ele veio para casa e começou a ler Provérbios 30:4 para mim (“Quem subiu ao céu e desceu? Quem encerrou os ventos nos seus punhos? Quem amarrou as águas na sua roupa? Quem estabeleceu todas as extremidades da terra? Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho, se é que o sabes?"). Eu não sabia o que Provérbios 30:4 queria dizer, mas quando ele me contou que ele também tinha se tornado crente, para mim ele também era um traidor. O rabino nada pôde fazer com ele. Eu tinha perdido a minha primeira família com Hitler, e agora estava prestes a perder a minha segunda família, tudo por causa desse Jesus. A minha vontade era encontrar-me com Jesus e matá-lo.

Fiz tudo para alcançar minhas filhas. Pela primeira vez falei com elas sobre campos de concentração. Eu supliquei a elas. Implorei que

rejeitassem esse inimigo dos judeus. Por dois mil anos temos sido perseguidos porque esse homem supostamente seria o Messias. Eu lhes disse tudo o que sabia, mas de nada adiantou.

Tendo o meu marido se tornado cristão, ele insistiu que minha filha voltasse para casa. Eles testemunhavam para mim constantemente. Eu sempre encontrava minha Bíblia judaica aberta e pedacinhos de papel com trechos das Escrituras sobre ela. Eu não sabia que eram versículos bíblicos, porque eu não conhecia a Bíblia.

Corri até o rabino. Ele me forneceria diversas passagens das Escrituras para com elas eu desafiar a minha família. Em resposta, eles me davam cinco outras. Diante da pressão da minha família, perguntei ao rabino sobre Isaías 53. Ele disse: – “Nenhum judeu deve ler essa escritura, especialmente uma judia”. Dessa forma eu não podia lê-la. O mesmo valia para o Salmo 22. Há 328 profecias da vinda do Messias sofredor e servo. Perguntei ao rabino a respeito da maioria delas. Finalmente o rabino me disse para não ir nunca mais à sinagoga, porque eu lhe tinha lido Isaías 53. Continuei a clamar ao rabino: – “Ajude-me! Não é por aí que eu vou. O que o senhor quer de mim? A minha família está morta porque crêem em Jesus, como o senhor me diz. Mas eles estão tendo uma vida normal. Se eles estão todos mortos, então por que é assim? Ajude-me!” Ele apenas respondia: – “Não. Não posso ajudá-la mais”.

Assim comecei a ir até o porão, sem que ninguém percebesse, para ler o Novo Testamento num quarto fechado. Li Mateus primeiro, e vi que Jesus era um homem amável. Ele não tinha matado nenhum judeu, pelo contrário, era um homem muito amável. Então comecei a pensar sobre o que eu acreditava. Fui ter com um outro rabino para pedir ajuda, mas ele me disse: – “Olha, não posso ajudá-la, porque não leio muito a Bíblia”.

Então conheci Arthur DeMoss, um homem de negócios, cristão e muito rico. Todo ano ele abria a sua casa para alcançar os judeus. Ele perguntou se eu consentiria que orasse por mim. Respondi que sim e ele orou. Os judeus nunca fecham os olhos numa oração, mas de repente eu fechei os olhos e fiz uma oração muito simples: “Deus de Abraão, de Isaque e Jacó, se for verdade, se este de quem falam é teu Filho, e se tu tens um Filho, e se ele é realmente o Messias, tudo bem. Mas, Pai, se ele não é, esqueça-se de que falei contigo”. Esta foi a minha primeira oração desde 1942. Senti como se uma rocha enorme tivesse se desprendido de minhas costas. Pela primeira vez desde a guerra chorei e me senti assim muito limpa. Senti então que Jesus era real e fiz dele o meu Messias.

Quando sobreviventes do holocausto hoje em dia ficam bravos comigo por ter-me tornado uma judia messiânica, apenas lhes demonstro amor, porque sei como se sentem. Eu já passei por isso. Não discuto com eles.

Há alguns anos atrás o pastor de uma igreja da Alemanha alugou o maior anfiteatro de Berlim, aquele que Hitler usou para suas reuniões, e procurava judeus messiânicos para participarem do evento. Convidada, recusei. No dia em que deixei a Alemanha jurei que nunca mais voltaria para aquela maldita terra. Insistiram. Eu orava pedindo ao Senhor que me matasse, que me levasse consigo, mas que não me enviasse de volta para lá, porque sempre que eu começava a orar, logo me vinha a palavra: “Sim, você tem que voltar para lá e você têm que perdoar”.

Por fim me rendi. Fui com meu marido e com mais quatro outros crentes. Muitos outros vieram depois. Foi uma luta que durou seis meses. Houve pessoas que oraram e que jejuaram por mim.

Foi um grande evento. Vários líderes cristãos lá estavam. Quando estava entrando naquele anfiteatro, onde Hitler dissera que os nazistas governariam o mundo por mil anos, eu estava no meio de uma multidão, abarrotada de jovens alemães. Muitos tinham estrelas de Davi, estrelas judaicas, em volta do pescoço. Bandeiras de Israel estavam tremulando. Quando vi os líderes americanos, alguns dos quais eu conhecia, e vendo os alemães portando estrelas de Davi e mezuzot, disse comigo mesma: “Isso é impossível”. Então pensei: “O que é que estou fazendo aqui? Senhor, o que o Senhor quer de mim? Faze-me sair daqui. Não quero sequer falar alemão.

No domingo me chamaram para falar. Não me lembro de ter seguido o texto que levei impresso. Não me lembro de ter falado de perdão. Mas depois de ter terminado a minha exposição, algumas pessoas vieram até mim. Elas eram as últimas pessoas na face da terra com quem queria me encontrar. Eram ex-nazistas. Talvez eu tivesse pedido que ex-nazistas viessem a frente para uma oração e para serem perdoados. Não me lembro de ter dito isso, mas ali estavam eles, pedindo-me que lhes perdoasse. Será que eu podia perdoá-los face a face, da mesma maneira que tinha feito da tribuna?

Foi então que percebi que eu havia falado de perdão. Um dos que tinha vindo à frente fora guarda em Dachau. Era encarregado das punições. Quando ele veio e identificou-se, o meu corpo se enrugou todo com dores, enquanto ele se ajoelhava. Ele estava suplicando para que eu o perdoasse.

Eu sou crente em Jesus Cristo, mas ninguém pode compreender o que eu passei em Dachau e em Bergen-Belsen. Não se pode imaginar o inferno em que vivi. Foi apenas pela graça de Deus que pude perdoar aqueles que vieram à frente, porque Rose Price não tinha como perdoá-los pelas atrocidades por que havia passado quando criança. Quando estava para deixar Berlim, um dos ex-nazistas por quem tinha orado veio até mim. Ele me disse que depois de eu ter orado com ele foi que ele teve a sua primeira noite de sono desde o tempo da guerra.

Voltei, depois, a Alemanha e percebi que precisava visitar Bergen-Belsen. De uma vez para sempre eu teria que enterrar o passado. Um casal de suecos estava comigo e também um alemão, todos crentes. No ex-campo impressionou-me o fato de que até hoje não cresce grama no lugar onde os cabos elétricos se localizavam. Não adianta plantar e replantar a grama, ela simplesmente não cresce ali. O guia deu-me uma lista dos nomes dos que haviam estado ali, e encontrei o meu nome e o de minha irmã. Nós estávamos no último grupo que foi transportado para Dachau. Depois, todos os que tinham permanecido morreram de tifo. Clamei e chorei. De repente eu estava gritando para Bergen-Belsen: – “Você morreu, mas eu sobrevivi! Estou aqui! Sobrevivi!”

Enquanto clamava, comecei a orar pela salvação da Alemanha pedindo para o povo compreendesse o amor e o perdão do Messias. Enquanto orava, o alemão que nos acompanhava não se conformava. Fui até ele para abraçá-lo, e ele me disse: – “Como é que você pode orar por nós depois de tudo que fizemos? A minha família estava envolvida nisso. Nós pusemos você aqui. Como é que você pode orar? Mostre-me essa força. Mostre-me essa sua força”. Então ele pediu perdão e os quatro nada mais fizemos a não ser continuar chorando e orando uns pelos outros e pelo povo alemão.

Se você acha que não pode perdoar uma pessoa, o seu ódio para quem quer que seja não pode ser maior do que o ódio que eu tive para com os alemães. Eu perdi o meu estômago. Eu tive que fazer 27 operações antes de ir a Berlim. O ódio tem um endereço no teu corpo. O amor não pode habitar num corpo em que há ódio. Quando renunciei a todo ódio e o amor começou a surgir, algo aconteceu dentro do meu corpo. Nunca mais tive dores. Nunca mais tive que passar por uma operação desde 1981, porque o Senhor tirou de mim todo aquele veneno.

Caro leitor, ninguém conhece a sua dor da mesma forma que ninguém sabe como foi a dor pela qual eu passei. Mas não há desculpa para o ódio. Você tem que perdoar. Você tem que renunciar ao ódio. Até porque não compete a você ter a capacitação para perdoar. Você não pode fazer nada com a sua própria força. Você tem que ir até o Senhor e ele lhe dará essa capacitação.

Atualmente Rose Price vive nos EUA onde dirige o “Rose Price Ministries” (www.rosepriceministries.org). O texto acima foi condensado por Roberto Kedoshim e seu Copyright pertence ao ministério Or Chadash.

NOITE ESPECIAL DOS Enamorados

A Noite dos Enamorados tem agora nova data.

A Mocidade realizará a tão esperada noite no DIA 21 de julho.

Nos DIAS 28 e 29 de JULHO realizaremos programações especiais em comemoração aos 23 anos de fundação da Igreja Batista Fundamentalista Cristo é Vida. Se Deus nos permitir, faremos dessas celebrações um marco para o nosso Projeto Missionário do Jubileu de Prata.

ANIVERSÁRIO DE NOSSA IGREJA

Continuemos orando e cooperando a fim de que possamos oferecer ao nosso Deus celebrações dignas de Sua Majestade.

PROGRAMAÇÃO

DIA 27 (sexta-feira) - 19h: Culto de Oração e Ações de Graça

DIA 28 (sábado) - 19h: Abertura com o tema:

“O Supremo Chamado de Jesus”, Marcos 16:15.

DIA 29 (domingo) - 8h: Café da Manhã e Testemunhos
18 h: Culto Solene

NOTAS & NOTÍCIAS

ENCONTROS: EBEC e CASAIS

Aconteceu no dia 30 de junho último, na casa do Pr. Daniel e Kátia Stowell, o Encontro de Lideranças do Ministério EBEC (Escola Bíblica Evangelizadora de Crianças). Nossa igreja esteve presente com 15 participantes. Houve uma reciclagem da filosofia e método EBEC, ministrados pela Ruth Stowell e Cláudia Nícia. Foi muito bom e o churrasco estava uma delícia. Pretendemos abrir duas novas EBECs em agosto: São Gonçalo e Araturi.

Também no dia 30 aconteceu uma agradável comunhão de Casais envolvendo dezenas de pessoas das igrejas Batista Fundamentalista Cristo é Vida e da Fundamentalista Bíblica Cristo é Vida (Sítio São João). Tempo de comunhão edificação e, evidentemente, muita comilança. Afinal de contas...

AGENDA DE JULHO

DIAS 12 e 13 (quinta e sexta)

Mocidade: Seleção de Filmes.

DIA 14 (sábado) Mocidade: Chá de Panela da Ligy e Alexandre.

DIA 15 (domingo) EBD: Início do Curso de Introdução à Teologia II

DIAS 18 a 22 (quarta a domingo)

EBJ: Escola Bíblica de Jovens

DIA 21 (sábado) “NOVA DATA”

Mocidade: Noite dos Enamorados

DIAS 28 e 29 (sábado e domingo)

ANIVERSÁRIO DE 23 ANOS
DA IBF CRISTO É VIDA!

FÉRIAS DO PR. JOSÉ NOGUEIRA

Nosso pastor continua em suas merecidas férias, na sua ausência o Pr. Joaquim assume interinamente a presidência do Conselho Pastoral, e o Diácono Marcus Antônio, o Conselho Administrativo até o dia 14 (sexta-feira), quando ele retornará. As programações desta semana, Koinonia e TOM, ficarão sob a responsabilidade dos irmãos: Pr. Luiz e Rodolfo, respectivamente.

INFORMISSÕES

IGREJA BATISTA FUNDAMENTALISTA CRISTO É VIDA

Av. K, nº 911 - Planalto da Barra - Fortaleza - CE - Telefone: (85) 3286.3330

Pr. Nogueira (8841.3710) - Pr. Joaquim (8712.6796) - Pr. Luiz (8875.9719)

Jornalista Resp.: Mariana Cadete - MTB-CE 01820-JP • Diaconia de TI & M

Boletim interno, semanal e gratuito • Tiragem: 450 cópias • www.cristoevida.com